

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

75) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 6, 1838)



OS COLIBRIS MAIORES, OU PICAFLORES.

(*Trochilus pella*).

De todos os entes animados, os colibris, e os passarinhos moscardos [*] são os mais elegantes de figura, e os mais nitidos em côres. As pedras preciosas e os metaes polidos pela industria humana não são comparaveis a estas joias da natureza. Collocados no ultimo gráu da escala da grandeza, na classe das aves, são a obra prima da criação: reúnem todos os dons que a Omnipotencia distribuiu pelos diversos individuos das tribus aligeras. Agilidade, graça, elegancia, viveza, e esplendida plumagem, tudo aformosea estas mimosas creaturas. Nunca o pó da terra enxovalha as brilhantes esmeraldas, os rubis e topazios, que trajam; porque em sua vida, quasi toda aeria, apenas roçam por instantes pela relva dos campos; vagueiam sempre nos ares, esvoaçando de flor para flor, disputando as galas ás viçosas filhas de Flora.

(*) O nome brasileiro é *guainumbi*, dado indifferentemente aos colibris, ou chupameis maiores e aos passarinhos moscardos, ou chupameis menores; familias que se distinguem bem pela forma dos bicos.

Nas regiões mais calidas do Novo-Mundo se encontram estes passarinhos em numero prodigioso; e parece que as terras situadas entre os dois tropicos são exclusivamente a sua patria; porque esses que no verão chegam ás zonas temperadas pouca residencia ahí fazem, e vôam breve nas azas dos zephyros em demanda de uma primavera eterna. Só em seus climas nataes, onde as flores de continuo se renovam, podem subsistir estes innocentes individuos, que do nectar daquellas extrahem o seu principal sustento.

Os indios absortos com o espectáculo das vivas côres destas avesinhas, deram-lhes os nomes de *raios*, ou *cabellos do sol*. São numerosas as especies, e diferentes em tamanho, e côres; mas todas graciosas, todas com os mesmos habitos e genero de vida. Todas empregam os mesmos materiaes no fabrico de seus ninhos, pondo dois ovos só de cada postura. O macho e a femea dividem entre si o trabalho do fabrico, e o da incubação; e fórman os ninhos de varias espe-

cies d'algodão, ou d'uma especie de felpa como seda extrahida de certas flores. O vôo destes passarinhos é continuo, e tão rapido que não pôde perceber-se o movimento: pairando nos ares parecem immoveis, e inteiramente sem acção. Demoram-se instantes defronte de uma flor; partem logo como uma frecha para outra, e visitam todas embebendo a lingua em o *nectar*, ou succo mellifluo, de que se sustentam. Não andam, nem pousam em terra. De noite, e durante a maior calma, empoleiram-se n'um tronco de laranjeira, de gommeira, ou de cafezeiro, onde usam tambem pendurar seus delicados ninhos, asylos da terra prole, que sendo das especies menores não excedem a grandeza de metade de um damasco. Faça-se idéa do tamanho dos colibris, que são as especies maiores, regulando-os pelo volume da carricinha cristada dos nossos climas; e dahi todas as outras em progressiva diminuição até ao mais pequenino passarinho moscardo (*trochilus minimus*) que não chega ao tamanho do tavão, ou moscardo dos bois. — A excessiva pequenez lhes attrahiu a denominação de *aves-moscas*.

Voando fazem um certo zumbido com as azas, da mesma maneira que os bizouros, ainda que o som seja dissemelhante. Chilream pouco, e quando se transferem d'um a outro logar despedem um grito mais ou menos forte, mais ou menos agudo, conforme as especies. Teem um bico tenuissimo, e a lingua como um tubo, que lhes serve de chupar o mel das flores, em torno das quaes adejam, e se conservam momentos, como se estivessem suspensos.

Estas singulares, e encantadoras avesinhas, apesar de pequenas, não são cobardes. Travam entre si renhidas pelejas; e attacam outras dobradamente maiores, ou por defenderem seus ninhos, ou meramente por capricho, e sem razão apparente, e conseguem muitas vezes obrigar a vergonhosa fugida contendores muito mais fortes, a quem perseguem encarnicadamente.

Ainda que em varias occasiões cruzam em bandos as veigas povoadas d'arbustos floridos, comtudo vivem o mais do tempo solitarios, excepto na estação de seus amores; cada um pousa em sua arvore separada, e os outros o não inquietam sob pena de porfiada peleja. Não são porém desconfiados do aspecto humano, e pôdem contemplar-se de mui perto, porque não fogem. Domesticam-se, e vivem no estado caseiro, do que ha muitos exemplos, apesar da antiga opinião de alguns, que os davam por mortos logo que fossem pilhados. O Dominicano Labat nos diz o seguinte: — “Mostrei ao P.^o Montdidier um ninho de colibris que estava sobre o alpendre da casa; tirou-o com os implumes quando tinham quinze ou vinte dias, e pô-lo n'uma gaiola á janella do seu quarto, onde os paes não faltaram a vir dar de comer aos filhos, e de tal modo se domesticaram, que quasi nunca saíam do quarto, e sem gaiola, nem constrangimento, vinham comer e dormir com a sua prole. Eu os vi muitas vezes todos quatro empoleirados n'um dedo do P.^o Montdidier, chilreando como se estivessem n'um ramo de arvore. Sustentava-os com uma massa finissima e quasi rara feita com biscoito, assucar e vinho de Hespanha; e elles mettiam a lingua nesta papa, e quando fartos adejavam e cantavam como em seu estado natural. . . Nada vi tão jucundo como estas quatro avesinhas, que esvoaçavam por toda a parte dentro e fóra da casa, e acudiam ao chamado do amo que as nutria.”

Conta D. Felix de Azara que D. Pedro Mello de Portugal, governador do Paraguay, conservou quatro mezes um picaflor, apanhado já crescido, e que era tão familiar que sabia mui bem conhecer o dono, dava-lhe beijos, e voava á roda d'elle pedindo a comi-

da. Então D. Pedro tomava um vaso de calda d'assucar mui purificada, inclinava-o para o passarinho introduzir a lingua; e de tempos a tempos dava-lhe algumas flores. Com estas precauções viveu tão bem como nos campos, e se não fosse o descuido d'um criado, mais duraria.

Um mancebo inglez trouxe da Jamaica, a bordo do seu navio, um ninho de colibri com a postura, e no proprio ramo em que o descobrira; sustentou a femea com mel; saíu perfeitamente a ninhada, e chegaram vivos os filhos a Inglaterra, onde Lady Haman os teve algum tempo, tão domesticados, que vinham á boca da sua dona tomar o sustento.

Apanham-se por varios modos: deitando-os a terra com o esguicho d'uma seringa, ou matando-os com bagos d'ervilhas despedidos com uma sarabatana, ou com tiros de pistola carregada d'arêa. Porém o melhor meio de os colher vivos e sem lhe estragar a nitidez das côres é com varas enviscadas, ou com uma rede subtil, a que chamam *tea de aranha*.

DA EDUCAÇÃO E INSTRUCCÃO DAS CLASSES LABORIOSAS.

TOCAR vamos n'um ponto, que, como muitos outros neste jornal tractados, ao passo que a uns agrada, a outros causará despeito. Fado é este de quem desaffogadamente diz a sua opinião, sem attender a humanos respeitos. Por escripto e de palavra temos recebido, de uma parte, louvores não merecidos pelo que escrevemos, e por isso mesmo, de outra parte, amargas reprehensões. Se apparece um artigo em que brademos a favor da sanctidade do passado; não falla a accusação de *gothicismo*, e *obscurantismo*, com que hoje se costuma affrontar quem não é destruidor de tudo o que é antigo só porque o é: se condemnamos tyrannias, é quasi certo chamarem-nos licenciosos: se pretendemos com o nosso debil braço amparar a religião e a moral, que desabam, somos fanaticos: se tractamos a historia como historia, não como lendas de *Flos Sanctorum*; se maldizemos superstições, e crimes, e ambições, e ignorancias, e corrupções sacerdotaes, somos impios; impios porque não repetimos os embustes do hypocrita e invejoso Bossuet, do perseguidor do divino Fenelon, nem os contos miseraveis do ultramontano Baronio. Mas quando nos chega uma queixa sobre qualquer destes pontos, logo com ella chega um agradecimento, ou um elogio, pelo mesmo motivo. Estamos continuamente fazendo multiplicações de *mais por menos*, que em resultado dão *nada*. É certo, que, se publicassemos a correspondencia que temos tido ha anno e meio, fariamos o livro mais curioso, por destemperos, absurdos, e contradicções, que haveria em todas as litteraturas do mundo: dariamos com elle uma perfeita imagem do cahos, e mais uma ridiculissima pagina para a já tão ridicula historia do espirito humano. Uma anecdota poremos, todavia, aqui. No *mesmo dia* recebemos duas cartas, uma das provincias, outra da capital: naquella se nos pedia aliviassemos o Panorama de objectos de artes e economia domestica; nesta se queixava o nosso correspondente de que não fosse o Panorama inteiramente dedicado aos descubrimentos e aperfeigoamentos das artes e da industria. Felizmente estas correspondencias vem com o porte pago: teem ao menos isso de bom.

Devemos, porém, dizer, que, no meio de muitos desvarios, temos tambem recebido uteis conselhos, e observações valiosas, que havemos aproveitado, e que continuaremos a ouvir de bom grado; porque os nossos desejos são, em tudo, o acertar.

Mas o nosso artigo? — Ei-lo vae, ainda que a al-

quem desagrada; que não é para partidos, e seitas, e para animos ferrenhos, ou dissolutos, que escrevemos, mas para o commum do povo. É por elle que lidamos, e se caímos em erros [e quem se póde gabar de não cair nelles?] não o fazemos voluntariamente; e o publico nos tem feito justiça — como elle a faz — recebendo benignamente esta publicação.

Ainda não houve em Portugal uma só providencia governativa a bem da verdadeira instrucção. A verdade desta proposição se encontra em todas as reformas d' instrucção publica, feitas no nosso paiz desde o tempo do marquez de Pombal. Não remontamos mais longe, porque escusado fóra espera-lo antes da epocha desse homem, tão grande quanto tyrannico e immoral. Ainda hoje, se exceptuarmos as escholas do ensino primario, instituidas, não pelo governo, mas por uma sociedade, que se tem feito a bem da instrucção popular?—Nada; absolutamente nada. D'ahi provém que a mudança de instituições politicas, e as reformas legislativas são vaãs e inuteis; e as empresas commerciaes, fabris, e de todo o genero de progresso industrial desbaratam-se e morrem: d'ahi provém que o povo nada tem melhorado com o goso da liberdade; porque esta, para produzir fructo, carece de bons costumes, e os bons costumes só nascem da instrucção geralmente derramada. Confiar á superstição e á credulidade a morigeração publica é encarregar a um cego o guiar uma creança. Não se creia que o povo era melhor e mais religioso ha cincoenta annos: era sim mais hypocrita, ou mais credulo: porque o despotismo amparando superstições e abusos, pouco lhe importava que se cresse em Deus, com tanto que não houvesse quem ousasse rir das mais absurdas practicas do culto externo, cuja introdução e voga deploravam, e deploram ainda hoje, os verdadeiros christãos. Actualmente o povo póde escarner em alta voz desses erros; mas desgraçadamente falta-lhe a luz pura do Evangelho, que não viu, porque nunca lha ministraram, nunca lhe deixaram lèr a palavra do Mestre, temendo [blasphemos!] que o Verbo transviasse o homem! E accusa-se o povo: e diz-se que elle está corrompido? — Quem o guiou pelo caminho da perdição, senão os mesmos, que hoje são os seus mais violentos accusadores?—Envenenaste-lo no berço e quereis que seja sadio na virilidade? Ou ficaria uma nação perpetuamente serva, para que nunca se rasgasse essa venda tenebrosa de miseraveis practicas e de credulidade, que fazia as vezes da creança purissima que ensinou o Filho do Homem?—O genero-humano, que sempre caminha ávante, deixaria acaso apoz si esta porção de seus membros, chamada nação portugueza? Não; porque ninguém póde contrastar os decretos da Providencia, nem os progressos da humanidade.

Antes de se haverem espalhado na Europa as luzes e os conhecimentos, o povo nada era, e servia unicamente para satisfazer as paixões tórpissimas daquelles que gosavam do exclusivo privilegio do mando. Foi a instrucção quem ennobreceu certas classes, que até abi eram abjectas e grosseiras, como ainda o continuaram a ser outras classes inferiores. Dellas saíram os homens que hoje governam, e os que plenamente gosam dos beneficios da civilisação. Estas classes bem longe estão de quererem voltar ao seu primitivo aviltamento e miseria. Porque se recusaria, pois, ás classes inferiores, a fruição das mesmas vantagens, e a possibilidade de melhorar a sua situação? Não é isto menoscar todos os sentimentos de humanidade, e calcar aos pés a moral, e a religião, que fingimos professar?

Não nos esqueçamos de que todo o bem-estar so-

cial nasceu da illustração, e que as multidões, que temos em menos conta do que deviamos, contribuíram grandemente para essas mudanças. Não foi, acaso, com a ajuda do povo, que os reis esmagaram a hydra do feudalismo; que a Inglaterra fundou um systema de governo ao qual deve a sua prosperidade secular; que varios monarchas poderam reformar o clero; e que, emfim, os principios, hoje assentados entre os homens instruidos e virtuosos, se estabeleceram e firmaram? E, então, porque ha-de esta classe productora e laboriosa ser excluida dos beneficios da instrucção, e dos commodos e satisfação que ella gera?

Alcançar illustração e sciencia foi sempre o primeiro dever do homem. As palavras de Salomão a este respeito não se dirigem a esta ou aquella classe em particular; seguindo o exemplo d'elle, convertamo-las em um preceito moral e religioso para todos os homens. Não só devemos procurar elevar-nos a nós acima dos animaes, mas tambem fazer com que se elevem do mesmo modo todos os nossos semelhantes. Privada dos soccorros da instrucção, a creatura humana é uma especie de fera; e até por experiencia vemos que, nesse estado, é a peor dellas todas. E crearia a Providencia o homem para o assemelhar aos tigres e leões; e não o destinaria a mais nobres e altos fins?

Ha quem diga que o povo não deve ser illustrado, porque pertenderia ser mais do que é. Mas era isto mesmo que dizia o clero, nos seculos barbaros, a respeito dessa classe chamada *media*, e dos nobres. Mas ella e elles saíram do seu estado de abjecção intellectual, e nem por isso se transtornou a ordem da sociedade, antes se melhorou, puliu, e fortificou. Outros repetem, sem saberem o que dizem, que os conhecimentos superficiaes, unicos possiveis para o commum dos cidadãos, são cousa muito damnosa. É esta uma ficção, que hoje ninguém poderia sustentar: valeria o mesmo dizer que aquelle que nada possui é mais feliz do que outro que possui alguma cousa; ou, por diversa maneira, que a miseria é de antepôr á mediocridade da fortuna.

Crê-se, porventura, que a ordem e a tranquillidade publica se mantem mais facilmente no meio de um vulgo ignorante e grosseiro, do que entre homens laboriosos, que, além dos conhecimentos proprios de seus officios e misteres, saibam quaes são os seus direitos e obrigações, e conheçam alguma cousa do mundo e das suas leis e successos? — Quem assim pensa vacbater contra a historia de todos os seculos. Um povo empegado na ignorancia e bruteza, será mais facil opprimi-lo do que governa-lo; ou antes diremos que é *necessario* rege-lo com vara de ferro, para que se não converta em uma besta-fera; ao passo que o povo illustrado facilmente se governa, sendo ao mesmo tempo impossivel opprimi-lo.

Entendemos por educação e instrucção popular a cultivação do espirito, e não o ensino das artes fabris ou mechanicas, a que muita gente dá aquelle nome. Negar o aperfeigoamento intellectual aos homens; deixa-los na bruteza e na ignorancia, é um acto immoral, um menoscabo de deveres sagrados, e por consequencia um crime.

Está assentado que, sendo em toda a parte o homem escravo do habito, o seu procedimento, quer na vida privada, quer no tracto com os outros homens, ha-de ser dirigido por preceitos constantes e forçosos, e guiado principalmente pelo exemplo. Será regular este proceder, se elle vir que reina a justiça; religioso, se a sanctidade da religião não fôr profanada. Mas, apesar disso, o homem não passará de machina, se carecer de instrucção e raciocinio. É, portanto, preciso cultivar-lhe o espirito.

Concedamos que o habito e o exemplo possam fazer as vezes do saber e da educação; que remedio applicaremos aos máus exemplos e aos habitos viciosos? É claro, que o seu effeito inevitavel será o propagar o mal. Para o prevenir é pois necessario, não só ensinar aos homens o que é justo e honesto, mas tambem, cultivando-lhes o entendimento, acostuma-los a attingir a razão porque o justo e o honesto o são, e a avaliar quaes consequencias tenha esta ou aquella opinião ou acto immoral. Unica barreira é esta que se possa oppôr aos desvarios que gera a ignorancia. A historia nos patentea qual tenha sido a influencia da moral politica e dogmatica no procedimento dos homens: todavia nunca existiu dogma algum que adoptado fosse pela maioria do genero-humano, havendo certos principios de moral, que em toda a parte são acatados e seguidos. Mas estes, preciso é entendê-los, e estar certo de que são verdadeiros; e isto não se alcança sem a ajuda da instrucção.

As pessoas pouco cogitadoras, e destas é o maior numero, não consideram que os proveitos e commodos de que a Europa actualmente goza [incalculaveis, se os pretendermos comparar com os que d'antes gozava] nasceram todos da cultivação das sciencias e das artes, e que essas vantagens cresceram na mesma proporção, em que se foram derramando por mais avultado numero de individuos a boa educação e a instrucção. — Não é ensinando, annos a fio, um artifice a executar machinalmente todos os dias a mesma cousa, que se fará d'elle um official de habilidade. E como ha-de elle aperfeiçoar-se, ou sequer fazer a menor mudança n'um trabalho que está acostumado a fazer do mesmo modo, a bem dizer, desde que se en-

tende? Podem argumentar-lhe, mostrar-lhe que é possível trabalhar melhor, indicar-lhe os modos de o alcançar: — baldadas diligencias! — E porque? Porque será querer mudar com palavras a organização phisica e moral do individuo; será querer fazer um milagre. Para affeiçoar o barro, aproveita-e-o em quanto está brando, que, depois de cosido, não ha dar-lhe nova fórma.

Todas as pessoas que teem administrado fabricas, ou lavouras, sabem que as maiores difficuldades de semelhantes empresas provém da ignorancia dos operarios, em quem não se encontra, nem a capacidade, nem a intelligencia necessarias para comprehenderem o que lhes explicam, nem a conveniente habilidade para executarem o que lhes ordenam; accrescendo a isso as preoccupações e o aferro a velhas usanças, resultado infalivel da falta de instrucção. Seria cousa de pasmo o calculo das perdas que soffrem diariamente todos os generos d'industria só porque os artífices e trabalhadores carecem de toda a instrucção.

Quem póde dar remedio a tamanho mal? O governo, que tem obrigação de estabelecer, em todos os concelhos, escholas, onde se ensine mais alguma cousa ao povo, do que a ler e escrever mal, quando ainda isto se ensina. Paga o povo miudo quasi todos os impostos, ou directa ou indirectamente: seria por isso justo que em proveito d'elle se dispendesse alguma cousa: a instrucção é hoje uma das primeiras necessidades; dispenda-se, portanto, uma porção do rendimento publico com a instrucção popular. Persuadam-se os regedores dos povos que uma nação que não está *a par do seu tempo*, é forçosamente uma nação miseravel.



CAMPONEZES POLACOS DAS VISINHANÇAS DE VARSOVIA.

HA TEMPO infinito que a Polonia e a Russia figuram á frente dos povos slavos, que em numero de quasi 70 milhões occupam o espaço comprehendido entre o Adriatico e o mar Glacial. A historia destes povos, quasi desconhecidos dos antigos, começa a sair da obscuridade, graças aos esforços d'alguns sabios alemães e polacos. Estudando a historia politica dos slavos e a sua legislação, antes e depois da introdução do christianismo, facilmente se conhece que o principio d'independencia e de egualdade formava havia muito tempo a base da sua existencia social. Este principio abria caminho ás vezes por entre os obstaculos que lhe oppunham o systema feudal e as outras

circumstancias historicas, que influiram na organização da monarchia europea: manifestava-se nas republicas russianas de Novorogod, de Klazma, e outras, assim como em a nobreza polaca, a mais numerosa, e a mais privilegiada de todas as nobrezas da Europa, mas que não obstante isso, pela impaciencia de seus membros em supportarem o jugo uns dos outros, formava a sociedade mais inimiga da hierarchia que a Europa tem visto.

Um rei da Polonia, Boleslau Magno, concebeu o projecto de organização da unidade slava, e todo o seu glorioso reinado foi um esforço para a realização deste bello e secundo pensamento: porém os seus succes-

sores nem souberam comprehender, nem tão pouco proseguir a sua obra, e os slavos continuaram a dividir-se cada vez mais. A Polonia só permaneceu fiel á sua antiga bandeira, e combatendo sem descanço os inimigos mahometanos da Europa christã, imitava pouco a pouco as idéas de progresso que fermentavam no Occidente. A Russia, pelo contrario, separada pelo movimento civilizador, pelo seu schisma com a igreja romana, e affeita ao jugo pela escravidão de dois seculos, que lhe impozeram os tartaros, seguiu a estrada opposta. Desta opposição de sentimentos e de idéas nasceu a lucta encarniçada que a Polonia ainda hoje não cessa de sustentar contra a Russia, daqui o odio que divide estes dois povos oriundos do mesmo tronco; daqui a differença de character entre o povo russo, e o povo polaco.

Os camponeses polacos perderam ha muito tempo a sua antiga abastança, e a liberdade; estão subjogados e pobres, porque, com raras excepções, não são proprietarios do chão que cultivam. Esta servidão dos camponeses é uma das principaes causas da decadencia da Polonia, e será o maior obstaculo á sua regeneração. Todos os polacos estão intimamente convencidos desta verdade: mas o estado do seu paiz retalhado em mãos de diversos possuidores, e os males inseparaveis do dominio estrangeiro, paralizaram até agora os esforços tentados para se obter a emancipação dos *paysanos*. Comtudo só nas provincias que couberam em quinhão á Russia se tem conservado a servidão em todo o seu vigor. Foi abolida pela constituição no Ducado de Varsovia, quando erecto em reino pelo congresso de Vienna; e não existe no ducado de Posen, nem na Galicia. A sorte dos camponeses destas provincias, sem ter consideravelmente melhorado, experimentou todavia algumas favoraveis modificações.

Estes camponeses polacos, pobres como dissemos, são não obstante alegres, e resignados com a sua sorte. Nem sabem ler, nem escrever, mas seu espirito é tão vivo, e sua intelligencia tamanha, que por pouco que a instrucção se lhes communique, por pouco que o governo e os proprietarios alliviem a sua miseria, elles se porão bem depressa ao nivel das populações de França, e de Alemanha. Educados e mantidos no meio dos trabalhos agricolas, não tem nem nunca terão inclinação para o commercio. Mui escrupulosos em casos de consciencia, conservaram a preocupação da idade media de que o dinheiro adquirido pelo trafico não é um ganho honesto, e que Deus o não abençoa: por isso, desde as mais remotas eras o commercio da Polonia sempre correu por mãos de judeus e de alemães. Sem duvida que por isto o paiz perdeu vantagens, mas o character nacional conservou aquella pureza e franqueza que o engodo do ganho tantas vezes adultera; sobre tudo nos paizes onde o commerciante, gozando de pouca consideração social, limita-se ao trafico tenebroso, e a procurar no regaço da fortuna uma especie de balsamo para as feridas feitas na sua diguidade e honra.

A hospitalidade é uma virtude innata ao povo polaco, e só tem comparação com a que se recebe na barraea do arabe do deserto. O camponez polaco reparte com satisfação o seu ultimo bocado de pão de rala, o seu ultimo tarro de leite com o que se recolhe debaixo do colmo da sua choupana. Na Ukrania, as cabanas, abandonadas durante os trabalhos campestres, ficam abertas todo o dia; e o viandante que entra acha sempre sobre a meza, coberta com uma toalha grossa, mas limpa, e clara, pão, bolos de mel, queijo, agua-ardente, uma melancia &c.; póde refrescar-se se vem fatigado, porque para elle estão alli todas estas cousas.

Um poeta polaco disse: Quando Deus edifica uma

egreja, o diabo lança logo defronte os fundamentos d'uma taberna: e elle conhecia bem o seu paiz. Na Polonia a casa mais visinha da igreja é sempre a taberna: alli o rustico, aos domingos e dias de festa, sepulta e esquece a sua miseria. Um menestrel d'aldeia toca uma sonata nacional em uma rebeca grosseira feita por elle mesmo: neste intervallo os velhos palram e bebem, e a gente moça dança e canta á moda da sua provincia, porque em todas os estilos variam. Na Ukrania reina o *doumka*, que respira uma suave e triste melancholia: nos arredores de Cracovia entoase o *cracoviac*, canto galhofeiro, buliçoso e negligente; na Polonia maior tem a primazia a *mazourka*, cantiga jovial e cheia d'amabilidade. Estas endeixas tão singelas e naturaes, ignora-se quem as fez: o aldeão as ouviu cantar a seu pae, que tambem as aprendeu por tradição: todas na melodia e na expressão tem um não sei que, uma especie de delicadesa sem affectação, que repassa o coração, e agrada como as flores dos prados, que não brilham pelas cores, mas exhalam um perfume delicioso.

Os camponeses polacos crêem muito em fantasmas, em bruxarias, e sobre tudo no diabo, nunca deixam, ao tomar qualquer bebida, de persignar a vasilha para affugentar o espirito maligno. Sendo tão credulos nas cousas sobrenaturaes, não acreditam n'outras muito mais positivas, como por exemplo, na medicina; é uma arte que, ao dizer delles, foi inventada pelos alemães, e por conseguinte não póde ser util a gente christã. Quando se sentem adoentados deitam alguns carvões apagados e uma pitada de polvora de caça em um copo d'agua-ardente e bebem; e é mister confessar que muitas vezes a fé produz a cura.

Em materias de politica é indubitavel que os rusticos da Polonia estão muito aquem dos progressos deste seculo: detestam cordialmente quanto é russo, prussiano, ou austriaco. Todos os estrangeiros são para elles, ou francezes ou alemães. O nome francez é tão popular na Polonia, como o nome polaco, depois de seus infortunios, o é em França: mas o titulo de alemão não é muito boa recomendação para os camponios polacos, o que não admira, porque elles não conhecem dos alemães senão os austriacos e os prussianos que estenderam as mãos para empolgar a Polonia retalhada, e que por mais d'uma vez assolaram este desgraçado paiz. Por isso quando estes camponeses querem insultar alguem, lhe dizem: "Tu és um alemão,, : acontece amiudadas vezes que ao contarem qualquer successo se exprimem por esta frase: "Erão dois homens e um alemão,,. Além disto a sua imaginação veste o diabo com fatos alemães, e o suppoem falando em lingua germanica. Tudo isto prova uma preocupação fortemente arreigada; mas é de crer que os habitantes dos campos da Polonia venham com o tempo a fazer uma recta distincção entre os diversos povos, que tem o nome generico de alemães.

Taes são as feições geraes, que caracterizam os rusticos da Polonia, e que variam mais ou menos, segundo as provincias; porque em todos os paizes, onde não ha uma grande unidade social, cada provincia tem seus usos e costumes em separado. Manifesta-se principalmente esta variedade nos trajos, cujo feitio é adequado ao clima local, e que geralmente são feitos de pannos fabricados pelos mesmos habitantes. O vestuario dos homens compõe-se d'uma casta de gaião de panno branco, alvadio, preto, ou azul escuro, agalado de cordão vermelho; uma cinta de laã de cores vivas, e um barrete de pelle d'ovelha parda ou preta, com suas fitas fluctuantes no topo, ou penas de pavão. O calçado dos mais ricos consiste em botas mui compridas d'atanado, amarradas pelas curvas com correias guarnecidas de charneiras de estanho ou

de latão: os mais pobres trazem sandalias de cortiça de tília ou de salgueiro. As mulheres trajam aos domingos uns justilhos, especies de roupinhas, de panno de cor vistosa, atacados adiante com seus galões de fio dourado, e poem ao pescoço enfiadas de coral ou de vidrilhos. As compridas tranças louras das raparigas são todas enlaçadas com fitas, enfeite muito da paixão das camponesas polacas. Os mais bonitos e os mais elegantes de todos estes trajos são os dos moradores de Cracovia. O vestuario das mulheres da Ukrania parece-se com o trajo das gregas, tal qual ainda se conserva presentemente na ilha de Procida juncto a Napoles: o que não será difficil d'explicar, porque os gregos tinham colonias nas margens do Mar-Negro, e até na Ukrania.

A GENDARMERIA FRANCEZA.

ESTA tropa toma a sua denominação das palavras *gens d'armes*, homens d'armas. Na antiga monarchia de França era um corpo de cavallaria, de gente escolhida, e que muitas vezes é citado com louvor nas historias das guerras de Luiz 13.^o e Luiz 14.^o — No systema actual é um corpo de soldados a quem está confiada a policia do paiz em toda a França, e que fornece patrulhas, prende criminosos, examina passaportes, e contribue para a manutenção da ordem e tranquillidade publica. As suas estações são ordinariamente, as barreiras ou portas das cidades, as principaes estalagens das estradas, os mercados e feiras, e as linhas das fronteiras. Dividem-se em cavallaria e infantaria; *gendarmes á pied, et gendarmes á cheval*. Formam uma corporação distincta no exercito, com officiaes superiores proprios, que estão debaixo das ordens dos *ministros do interior, e da policia*: mas em caso de guerra podem ser chamados a serviço activo como os outros corpos do exercito. A gendarmeria é pela maior parte recrutada d'entre os soldados veteranos e benemeritos dos outros regimentos de linha, que tomam a sua admissão por uma promoção, porque teem melhor soldo, e gozam mais liberdade. Isto explica a razão porque os gendarmes, geralmente fallando, são homens bem comportados e fieis, que ao passo que desempenham striitamente os seus deveres, tractam com bastante civilidade o povo indefezos, assim como os viajantes, especialmente os estrangeiros.

CURIOSIDADES A RESPEITO DA BIBLIA.

O numero das letras que contém o texto hebraico da Biblia, isto é, o antigo testamento, sobe, segundo o calculo dos commentadores e philologos rabinos a 315:280, mas o inglez Sharpe e outros eruditos christãos acharam que este computo era inexacto, sendo o verdadeiro 1:167:280.

Os livros da lei ou o Pentateucho até o tempo de Esdras não tinham divisão alguma de paragraphos, nem sequer entre palavra e palavra. Foi depois do captiveiro de Babilonia que se dividiram em tantas secções, quantos eram os sabbados que havia no anno, e em cada um se lia ao povo uma dellas. — Depois se foram dividindo successivamente os outros livros sagrados.

A divisão dos versos se fez tambem por esse tempo: a lingua dos hebreus tinha-se perdido durante o captiveiro, e a que depois fallavam e entendiam era a chaldaica: por isso quando se queria ler a lei ao povo lia-se um periodo no original, e um interprete o traduzia logo em chaldaico, seguindo-se assim por diante: isto deu origem á divisão em paragraphos.

Mas essas divisões eram mui differentes das que hoje encontramos nas Biblias latinas e vulgares. Estas nasceram do costume que tinham os escriptores gregos, quer de prosa quer de poesia, de marcarem no fim de qualquer obra quantas linhas (*stychos*) havia nella, costume que passou para os romanos, os quaes chamavam *versus* a essas linhas, [de *vertere* que significa voltar] porque o escriptor, acabada uma linha, *volta* atraz a começar outra. D'aqui veio chamarem-se os paragraphos, em que está dividida toda a Biblia, *versos*; e não, como muitos se persuadem, de ella ser escripta originalmente em verso.

Os livros do Novo Testamento eram a principio como os do antigo, escriptos seguidamente, sem distincção alguma; mas os primeiros christãos lh'as começaram a fazer por capitulos e versos, que variaram muito, e que estavam bem longe de ser semelhantes ás que nelles encontramos. Então se lhes introduziram as rubricas ou *titulos* indicando as materias contidas nessa divisão; e com effeito a palavra capitulo significa *sumario*, ou *epitome*.

A divisão actual da Biblia é attribuida pelos melhores criticos a um frade dominico, chamado Hugo, mais conhecido pelo nome de cardeal Hugo, o qual viveu no seculo 13.^o Foi este homem o primeiro que escreveu uma concordancia da Biblia latina; e para fazer as referencias e citações viu-se obrigado a dividir cada livro em secções e subdivisões. As secções por elle feitas são os capitulos, em que hoje dividimos a Biblia; mas as suas subdivisões, que eram marcadas de espaço a espaço por uma letra do alphabeto, foram depois abandonadas.

Roberto Estevam, celebre impressor de Pariz, introduziu em uma edição que fez do Novo Testamento em grego, no anno de 1551 a divisão de linhas ou versos, numerando-os á margem com algarismos, o que se repetiu em uma biblia latina, impressa em 1555. Depois estas subdivisões se foram indicando não só com a numeração, mas tambem começando cada uma em *alinea*, isto é, um pouco mais dentro da margem, e acabando-a, como se fosse um paragrapho. — (*Extraido de Buxtorfio, Prideaux, e R. Simão.*)

O ESPOSO ASSASSINO. — CHRONICA DE GENOVA.

A GUERRA civil, alimentada pelas facções dos guelfos e gibelinos, que por tanto tempo devastou a Italia, tinha dado, no anno de 1331, algum momento de folga aos genovezes, quando a liga dos venezianos e dos catalães, contra aquelles republicanos, os obrigou a mandarem dez galés, sob o commando de Salagro, a pelejarem com a armada catalã. Levou ancora este almirante com felices auspicios, e dentro em pouco se avistou com quatro alterosos galeões carregados de petrechos de guerra e de munições de boca: dellhes caça por espaço de dez dias consecutivos, e conseguiu aprisionar um.

Entretanto começaram a escacear os mantimentos na frota. Cada dia crescem mais as privações, e os soldados, e os marinheiros, mortos de cansaço, e incitados pela fome, passando do surdo murmurar á expansão do descontentamento, pedem em altos brados a Salagro, que lhes mande distribuir viveres. — Eu fiz lançar ao mar todas as vítualhas, lhes respondeu o impertubavel almirante, para com mór facilidade perseguir o inimigo. Rala-me tambem a fome que vos atormenta, e tenho resolvido tentar o unico meio de salvação que nos resta. Aquelles tres navios levam as provisões dos nossos inimigos. Ellas nos são indispensaveis, auxiliae-me, e serão nossas, senão, mais vale succumbir gloriosamente pelejando, do que mor-

rer á mingua. Nada é impossível ao valor, conheço o vosso, sêde testemunhas do meu, e julgareis então se eu sou digno de capitanear homens valentes. —

Este discurso reanima os genovezes, que esquecidos dos passados padecimentos, forgam remos, e á voz do seu chefe fazem voar sobre as galés dos contrarios nuvens de dardos, pedras, e outras armas de arremesso, usadas antes da introdução da artilharia, de que só principiaram a servir-se os genovezes uns cincoenta annos depois daquella epocha.

Porém se os de Salagro accommettem, quaes leões esfaimados, a resistencia que lhes oppõem os catalães, que tambem defendem a liberdade e a honra das mulheres, que trazem a seu bordo, não é menos vigorosa.

Estas creaturas, inuteis no meio da encarnigada peleja, em quanto seus esposos, cobertos de suor e sangue, obram prodigios de valor, erguem ao ceu fervorosas supplicas, para que o Deus dos exercitos lhes conceda a victoria. Mas as suas preces não serão ouvidas.

Durante o calor da acção, o joven Leonardo, commandante d'uma das galés, conhecendo a inferioridade das suas forças, approxima-se da consternada Ignez; Ignez modelo da virtude e graças, idolo e ufania do terno e denodado Leonardo, de quem, havia pouco, recebêra a fé ante os altares. Os olhos chammejantes do mancebo revelam as idéas sinistras, que volve na mente, bem como, n'um dia tempestuoso, a côr negra das nuvens prenhes de materia electrica, presagia a queda do raio destruidor.

— Ignez, diz elle, mal reprimindo as lagrymas, a ira divina está contra nós desenfreada. Baldados são os esforços de tantos valentes, que mal podem retardar a perda da desmantelada galé. Dentro em pouco seremos mortos ou prisioneiros. Neste transe fatal exijo de ti uma promessa. Della depende a minha ultima consolação no mundo, e o repouso da minha alma. Mas o sacrificio é tremendo. Ousarás faze-lo? —

— E pôde a duvida entrar no coração de Leonardo? A quem, como eu, ama tão extremamente, nenhum sacrificio é penoso. Ordena, e obedecer-te-hei. —

Leonardo lhe imprime no rosto um osculo de fogo, e continúa:

— Mulher incomparavel! E ha-de, oh raiva, um inimigo feroz e despiadado profanar tantos encantos. . . . Oh! que esta lembrança me faz experimentar antecipadamente todos os tormentos do inferno! —

— Socega, caro esposo; se a fortuna nos trahir, á custa da vida saberei resgatar-me da infamia. Pelo sangue dos nossos, que alaga este convéz, juro não te sobreviver. —

— A tua constancia me dispensa d'um crime. . . . Aperta-me em teus braços. Talvez seja este o derradeiro abraço, talvez. . . . —

— Capitão, capitão! acudi ou somos perdidos, — grita um marinheiro; porque em quanto durava este colloquio tinham os genovezes aferrado a galé com os arpeus; e se bem que o primeiro golpe de gente fôra rechagado, o segundo acabava de invadir a embarcação já alastrada de cadaveres. O tenente de Leonardo tinha caído morto de uma lançada, depois de haver feito correr rios de sangue dos contrarios, e este era chamado em altas vozes pelos poucos guerreiros, que ainda resistiam a uma alluvião de inimigos, posto que já começavam a afracar.

O mancebo desprende-se dos braços d'Ignez, e vò aonde o combate andava mais travado. Quantos se lhe oppõem caem victimas da sua desesperação, e posto que mal ferido, sustenta, quasi só, o peso dos genovezes, até que, recrescendo o numero destes, vê-se constrangido a recuar, não sem continuar a fazer uma horrenda carniceria, vendendo assim mui cara a glo-

ria do vencimento; porém quando contava immolar um, o adversario que mais obstinadamente o investia, um golpe por este destramente aparado no escudo, lhe faz voar a espada em dois pedagos. — O seu contrario era Salagro.

— Rende-te! — lhe gritou elle. Não responde o mancebo, mas com a velocidade de setta, corre para o lado da consorte, em quem um dos vencedores estava a ponto de pôr mãos sacrilegas.

N'um volver d'olhos, o atrevido genovez bracejava no meio das ondas.

Leonardo contempla um momento a linda Ignez, immovel como uma estatua, e os olhos se lhe arrasaram de lagrymas. Depois, vendo já mui proximos os inimigos, lança-lhe o olhar da despedida, abraça-a, e exclama: “Perdoa-me se assim salvo a tua e a minha honra.” Proferidas estas palavras, e voltando á cara, crava-lhe um punhal no seio.

Foi mortal a ferida, e a passagem da desventurada, da vida para a morte, nem um só ai a annunciou.

Leonardo tenta voltar contra si o instrumento mortifero, porém alguns genovezes, se arremessam sobre elle, desarmam-no, e vão narrar ao seu general a dolorosa cathastrophe.

Salagro manda trazer o catalão á sua presença, e assim o interroga:

— Homem cruel, porque commetteste tão execrando crime? —

Leonardo permanece mudo: o seu olhar desvairado assaz revela a alienação do seu espirito.

O almirante repetiu a pergunta.

Então, recobrando subitamente o uso da falla, como quem sae de um lethargo, e soltando um sorriso infernal, respondeu desta maneira:

— Venceste, soberbo genovez, e a sorte das armas te constitue meu juiz: como réu vou satisfazer-te, e em premio da minha submissão só te peço uma graça, — a morte, e morte breve, para que a minha alma, livre dos terrenos despojos, possa ir unir-se á da minha idolatrada esposa, a quem esta dextra cruel, por salva-la do opprobrio, arrancou a existencia. Um excessivo amor, um ciume requintado, causou o meu crime, de que, todavia, não me arrependo. Já sabes a minha infausta historia; manda matar-me. —

Depois de um momento de silencio, Salagro lhe tornou:

— Infeliz, lamento o teu furioso ciume, e o excesso que te fiz commetter! Elle pôde desculpar o teu crime, porém eu não posso nem devo perdoar-te o haveres duvidado da justiça, e da continencia do teu vencedor. —

E ordenou que immediatamente lhe decepassem a cabeça.

Passadas algumas horas um venerando sacerdote resava em voz baixa as preces dos mortos, juncto a dois cadaveres, estendidos sobre pranchas de madeira, envoltos em sudarios, e ligados a pesadas pedras. Toda a tripulação, devota, e contristada, assistia á funebre cerimonia. Findo o breve officio, ao signal do commandante, ergueram as taboas, e os corpos dos dois miseros esposos foram lançados ao mar, que espadanando os recebeu no seu seio, deixando sómente na superficie, qual ephemero epitaphio, dois redemoinhos d'alva escuma, que dentro em pouco se esvaeceram.

UM DUELO.

VENDO o grande Gustavo Adolpho, rei de Suecia, que os duelos se multiplicavam diariamente entre os officiaes do seu exercito, assentou de destruir, se fosse

possivel, a falsa opinião de honra, que a semelhantes actos se ligava. Pouco depois de elrei haver tomado esta resolução, e de ter publicado muitos edictos rigorosos contra os duelos, dois dos seus generaes tiveram entre si uma contenda, que se concluiu por pedirem a elrei os deixasse apurar a razão á ponta da espada, segundo as leis da honra. Consentiu Gustavo Adolpho no desafio, e disse que queria ser espectador do combate. Dirigiu-se, portanto, ao logar aprazado com um troço de soldados, e acompanhado pelo carasco. Tanto que lá chegou disse aos desafiados: "É preciso que pelejeis até que um de vós pereça:" — e depois voltando-se para o algoz, accrescentou: "e tu corta logo a cabeça ao que ficar vivo." — A inflexibilidade do monarcha sortiu o desejado effeito: accommodou-se a contenda entre os dois officiaes; e não se tornou a ouvir mais fallar em desafios no exercito de Gustavo Adolpho.

GRANDEZA DA CORTE DE PORTUGAL.

PARA que se possa fazer idéa de qual era o tractamento e apparatus da familia real portugueza no tempo de D. João 3.^o poremos aqui em resumo a lista dos officiaes e creados da casa do infante D. Luiz, irmão deste rei, e filho de D. Manuel.

Capellães e moços da capella	47
Fidalgos cavalleiros que serviam os principaes cargos da casa	27
Fidalgos escudeiros	12
Moços fidalgos	22
Cavalleiros fidalgos	22
Cavalleiros	30
Escudeiros fidalgos	32
Escudeiros	46
Medicos e cirurgiões	7
Monteiro de cavallo	1
Moços da camara	213
Porteiros da camara	8
Reposteiros	26
Trombetas	8
Moços de monte	9
Moços d'estribeira	36
Cozinheiros	5
Homens da copa	2
Moço da fazenda	1
Homem do thesouro	1
Homens da mantieria	6
Homens do armador-mór	2
Homens do guarda-reposte	2
Varredeiros	6
Moços de caça	5
Armeiros	2
Regueifeira	1
Lavandeira	1
Cristaleira	1
Varredeira	1

Somma total 632

A OCIOSIDADE.

PARECE-ME verdadeiramente a mais impropria causa do mundo haver leis que castigam mui justissimamente os furtos, adulterios, homicidios, e os outros peccados, e não as haver, que punam severissimamente a ociosidade, raiz e principio de todos os males; porque, assim como é impossivel querer esgotar uma fonte, sem lhe tomar o principio d'onde ella nasce, assim é o pretender evitar todos os males, se se não

trabalha que a gente se occupe em exercicios, que enfream os appetites desordenados. — *Payva d'Andrade. Serm.*

ETYMOLOGIA d'OUTUBRO.

Posto que desde o tempo de Numa, Outubro seja o decimo mez do anno, conserva o nome que tinha no calendario alban, em que era o oitavo. Foi dedicado pelos romanos ao deus Marte, e por algum tempo chamado *Faustino e Invicto*, mas brevemente lhe restituiram a primeira denominação. — Nas pinturas antigas representam-no na figura de um homem ceifando trigo; mas, nas mais recentes, na de um homem com um cesto de castanhas, e coberto com um manto de cor amarellada, alludindo ás folhas das arvores que começam a juncar a terra, cubrindo-a de uma cor pallida. Neste mez entra o sol no signo de *Scorpio*.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Setembro 30.

1453 — Parte elrei D. Affonso 5.^o para a Africa, do porto de Setubal, com uma armada de 220 vellas.

1518 — Lopo Soares de Albergaria desembarca em Ceilão, faz tributario de Portugal o rei de Columbo, e edifica na sua capital uma fortaleza.

Outubro 1.

1538 — Abre-se a Universidade de Coimbra, tendo sido transferida outra vez para aquella cidade, donde havia sido mudada para Lisboa.

1644 — Morte da poetisa portugueza D. Bernarda Ferreira de Lacerda, auctora do poema *Hespanha Libertada*, das *Soledades do Bussaco*, e de outras obras. Jaz na egreja dos Remedios, que foi dos carmelitas descalços.

1684 — Morre o celebre poeta dramatico francez Pedro Corneille.

2

1187 — Jerusalem é tomada por Saladino, depois de ter estado em poder dos christãos 88 annos. Para a restaurar se intentou a 2.^a cruzada.

3

1566 — Entram piratas francezes na cidade do Funchal, e retiram-se passados dezeseis dias, em que a saquearam.

1669 — Fallece Jorge Cardoso, auctor do curioso livro, intitulado *Agiologio Lusitano*.

4

1660 — Morte de Albano, pintor celebre italiano, condiscipulo do Domenichino e do Guido.

5

Neste dia começavam em Athenas as festas de Ceres eleusina, que duravam 9 dias. Celebraram-se estas festas desde tempos remotissimos até o de Theodosio o grande. A recompensa dos vencedores nos jogos e combates gymnasticos era uma medida de cevada.

1817 — Morte de Kosciwsko — heroe da Polonia.

6

1825 — Morte do naturalista Lacepede. Diz-se que podia trabalhar regularmente 20 horas cada dia.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.